

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CARLOS ANTONIO VIEIRA AMANCIO JUNIOR

**A VISÃO DE PROFESSORES
ACERCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Campinas
2010

CARLOS ANTONIO VIEIRA AMANCIO JUNIOR

**A VISÃO DE PROFESSORES
ACERCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Elaine Prodócimo

Campinas
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP

Am13v Amancio Junior, Carlos Antonio Vieira.
A visão dos professores acerca da educação física no ensino fundamental / Carlos Antonio Vieira Amâncio Junior. - Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Elaine Prodócimo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação física. 2. Escola. 3. Professores. 4. Ensino fundamental.
I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

Título em inglês: The teacher's view about physical education on elementary school.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Prefeitura Physical education. School. Teachers. Elementary school.

Data da defesa: 07/12/2010.

CARLOS ANTONIO VIEIRA AMANCIO JUNIOR

**A VISÃO DE PROFESSORES ACERCA DA
EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Carlos Antonio Vieira Amancio Junior e aprovado pela Comissão julgadora em: 07 / 12 / 2010.

Elaine Prodócimo
Orientadora

Carmen Lúcia Soares

Campinas
2010

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam que uma Educação de qualidade é direito de todo cidadão, não importando sua origem, etnia ou classe social. Dedico principalmente aos que não desistiram desse sonho e continuam lutando com afinco pela sua concretização.

AMANCIO JUNIOR, Carlos Antonio Vieira. **a visão dos professores acerca da educação física no ensino fundamental**. 2010. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

Nas escolas, mesmo de uma forma relativamente distante, quem acompanha o cotidiano das aulas de Educação Física são as professoras regulares, ou seja, aquelas que estão com os alunos durante a maior parte da rotina escolar. Elas observam e avaliam as aulas e a participação de seus alunos. Esta pesquisa, qualitativo-descritiva, tem por objetivo analisar a visão que o corpo docente (professores de outras disciplinas) do ensino fundamental I, de três escolas regulares municipais, apresenta sobre a Educação Física escolar. Para isso foi selecionado por meio de um sorteio uma professora de cada série (1º ao 5º ano), totalizando 15 educadoras entrevistadas. Com roteiro das entrevistas, que teve como tema principal a Educação Física escolar e a sua relação com alunos, comunidade, professores e escola, buscou-se investigar se as transformações ocorridas por meio das produções teóricas atuais no campo dessa disciplina foram percebidas pelo corpo docente dessas escolas. A hipótese de que a maioria das professoras apresentaria pouco conhecimento sobre a disciplina se confirmou. Através dos seus discursos foi comprovado que a perspectiva com que é analisada a Educação Física na escola ainda é superficial e desatualizada, semelhante à visão de décadas atrás. Foram verificados alguns dos empecilhos que dificultam a interligação entre Educação Física e sala de aula. Como um dos fatores positivos encontrados, foi notado que, embora o caminho para a resolução desse problema seja longo e de difícil percurso, as professoras apresentam anseio em mudar esse panorama. Entretanto esbarram na desmotivação e falta de incentivo para a execução de um trabalho interdisciplinar eficaz, de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno.

Palavras-Chave: Educação Física; Escola; Professores; Ensino fundamental.

AMANCIO JUNIOR, Carlos Antonio Vieira. **the teacher's view about physical education on elementary school**. 2010. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

In schools, even in a relatively remote way, those who follow the daily routine of Physical Education classes are the regular teachers, that means, those who are with students during most of the school routine. They observe and evaluate lessons and participation of their students. This qualitative-descriptive study aims to examine the view that the faculty (teachers of other subjects) of three local elementary schools, presents on Physical Education. For that was selected through a lottery one teacher in each grade (1st to 5th grade), totaling 15 teachers interviewed. With series of interviews, which had as its main theme, the Physical Education and its relationship with students, community, and school teachers, we sought to investigate whether the changes occurring through the current academic research in the field of this discipline were perceived by these faculty schools. The hypothesis that most teachers would present little knowledge of the discipline is confirmed. Through their speeches it was proven that the perspective with which examined the Physical Education at school is still shallow and outdated, like the vision of decades ago. Some of the obstacles that hinder the link between physical education and classroom it were checked. As a positive factor that has been found, it was noted that although the path to solving this problem is long and difficult journey, the teachers present longing to change this. However, they ran into discouragement and lack of incentives for the implementation of an effective interdisciplinary work, is crucial to student development.

Key-Words: Physical Education; School; Teachers; Elementary school.

SUMÁRIO

1 - Introdução.....	09
2 – Um pouco sobre educação física escolar.....	13
3 – Metodologia	17
3.1 – A Escola	17
3.2 – Os Participantes	18
3.3 – Coleta de Dados	18
3.4 – Organização e Análise de Dados	19
4 – Resultados	21
4.1 – As Escolas	21
4.2 – As Entrevistadas e suas relações com as aulas de Educação Física	22
4.3 – Planejamento e Trabalho Interdisciplinar	25
4.4 – As Aulas de Educação Física nas Escolas	27
4.5 – Lembranças da Educação Física do Tempo de Estudante	30
5 – Considerações Finais	35
Referências	39
Anexos	41
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à Direção da Escola	42
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Professores	43

1 INTRODUÇÃO

Professores de Educação Física do ensino público ainda possuem relativa liberdade para trabalhar os conteúdos que desejarem em suas aulas. Mesmo com algumas entidades públicas de ensino se atentando mais ao planejamento e acompanhamento das aulas, como na rede estadual, por exemplo, em algumas prefeituras o professor ainda goza dessa autonomia. Tal característica é uma via de dois lados. A liberdade para trabalhar os conteúdos não engessa o professor, e lhe permite seguir a linha pedagógica que mais lhe agrada. O outro lado é a dificuldade em dar uma sequência aos conteúdos trabalhados, além de não existir uma espécie de referência para professores mais desatualizados ou desmotivados.

No sistema educacional da cidade de Hortolândia, local da presente pesquisa, há um coordenador da área da Educação Física que é responsável por um quadro de aproximadamente 15 professores dessa disciplina. Apesar do grande esforço e empenho em zelar por uma Educação Física de qualidade nas escolas que esses professores lecionam, através de práticas de formação contínua, cursos de aperfeiçoamento, reuniões semanais de HTPC (hora de trabalho pedagógico coletivo), dentre outros trabalhos desenvolvidos por esta coordenação, tais esforços não são suficientes para garantir a qualidade dos conteúdos e metodologias das aulas nas escolas.

Diferentemente deste coordenador pedagógico e da equipe de professores de Educação Física, que se reúnem esporadicamente, a direção e os professores das escolas de ensino fundamental do município acompanham, ou deveriam acompanhar, diariamente as aulas ministradas pelo professores de Educação Física. E é nas escolas que estas aulas são “fiscalizadas”, pois embora não tenham conhecimento ou embasamento teórico pertinentes a essa disciplina, alguns professores regulares das escolas se preocupam e opinam quanto às aulas de Educação Física em que seus alunos participam, e assim formam e expressam suas opiniões quanto à qualidade das aulas de Educação Física ministradas na escola. Mas qual a visão que estes educadores têm sobre a Educação Física escolar? Eles sabem verdadeiramente o que é Educação Física escolar? Conhecem suas principais vertentes e concepções? Conhecem o seu objetivo dentro da escola? Sabem qual é o real papel do professor de Educação Física?

Diante dessas respostas, cria-se uma espécie de termômetro, que revela à comunidade escolar (pais, alunos, professores, diretores, comunidade) a qualidade das aulas

dessa disciplina na escola. E muitas vezes, esses personagens expressam o seu próprio veredicto sobre a qualidade dos métodos utilizados pelo professor de Educação Física. E dentro dessa realidade forma-se uma opinião que nem sempre corresponde à verdadeira proposta da Educação Física escolar.

Constatamos essa problemática através do convívio escolar durante cerca de 18 meses. Tempo este em que o pesquisador atuou como estagiário de Educação Física em uma escola municipal da cidade de Hortolândia. Nessa função, acompanhava o professor nas aulas e nos horários livres, vagava pela escola, dialogava com professoras e constantemente ouvia observações sobre as aulas de Educação Física e os métodos utilizados pelo professor. Na maioria das vezes, não concordava com essas opiniões, e dava início a um debate rápido e superficial, que não resultava em grandes alterações nas opiniões que essas professoras apresentavam sobre a disciplina e seus métodos.

O crescimento da produção teórica no campo da Educação Física escolar é notório. A maneira como é vista pelos profissionais da área mudou bastante. Melhorou, pois já não é tão comum ser diminuída a uma visão tecnicista e meramente biológica. Porém, fora da esfera dessa disciplina, essa visão também se alterou? Ou continua da mesma maneira obsoleta de décadas atrás?

A escola é a atmosfera que rodeia a Educação Física. E é nesse universo que ela dialoga com as outras disciplinas no cotidiano escolar. E, em muitas vezes, a Educação Física é excluída do planejamento, pois os professores e coordenadores pedagógicos subestimam seu potencial educacional. E é desta relação que se cria uma imagem um tanto distorcida do ideal de Educação Física escolar. Há casos em que a prática do professor dessa disciplina condiz com o que ela propõe para o desenvolvimento do aluno, porém o meio escolar não conhece essa proposta, há outros, porém, que o próprio professor não reconhece seu papel como educador. Desta situação conflitante, disseminam-se diversas opiniões equivocadas sobre o assunto.

O primeiro passo para mudar essa concepção, muitas vezes errônea, e quebrar os paradigmas que envolvem a Educação Física no meio escolar, talvez seja buscar saber quais são os valores que a fundamentam. Conhecer a visão do corpo docente da escola também facilitaria uma aproximação com as outras disciplinas. E essa aproximação seria o início da caminhada em busca de uma interdisciplinaridade escolar verdadeiramente eficaz.

Perante todas essas constatações, surgiu o interesse em saber quais eram as opiniões de professores acerca da Educação Física escolar. Esta pesquisa, qualitativo-descritiva, tem por objetivo analisar a visão que o corpo docente (professores de outras

disciplinas) do ensino fundamental I, de três escolas regulares municipais, apresenta sobre a Educação Física na escola. Buscamos, por meio de entrevistas, conhecer e analisar a visão destes profissionais.

2 UM POUCO SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física se firmou como disciplina escolar e hoje é vista como conteúdo importante no currículo educacional. Sua implantação ocorreu somente depois da introdução do sistema escolar. Atualmente, mesmo existindo praticamente um consenso sobre sua importância para o desenvolvimento do aluno, essa disciplina ainda é inferiorizada em relação às outras e seu potencial pedagógico é bastante subestimado dentro da escola.

Soares (1996, p. 08) discorre sobre as raízes da Educação Física escolar:

A Educação Física Escolar tal como a concebemos hoje – como matéria de ensino – têm suas raízes na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX. Com a criação dos chamados Sistemas Nacionais de Ensino, a Ginástica, nome primeiro dado à Educação Física e com caráter bastante abrangente, teve lugar como conteúdo escolar obrigatório.

Historicamente, esta disciplina tem ensinado o jogo, a ginástica, as lutas, a dança e os esportes. Diferentemente de seus conteúdos clássicos, o pensamento da Educação Física brasileira movimentou-se bastante. Entre o Século XIX e início do Século XX, sua influência predominante foi o Movimento Ginástico Europeu. A partir de 1940 o Movimento Esportivo tornou o esporte como conteúdo hegemônico de ensino. E a partir de 1970, a Psicomotricidade, com suas condutas motoras, afirmou-se no pensamento da Educação Física escolar brasileira.

Somente no início década de 80 iniciou-se um processo de repensar a Educação Física (talvez apenas pensar, pois até então, ela não havia sido pensada). A academia empenhou-se em rediscutir os temas pertinentes à área, desde a sua produção teórica, até a sua prática em ginásios e praças esportivas, e principalmente, na escola. Tal debate foi reflexo de uma discussão ainda maior, a recente queda da Ditadura Militar no país.

E inspirados em um novo momento histórico social, surgem novas produções teóricas sobre a prática pedagógica da Educação Física escolar, opostas à recente vertente mais tecnicista, esportivista e biologistas. Desse novo movimento, surgiram algumas produções teóricas, que originaram novas abordagens sobre a Educação Física na escola.

A abordagem Desenvolvimentista fundamenta-se em três principais referenciais teóricos: Tani (1987), Tani et al. (1988) e Manoel (1994). Esta abordagem busca acompanhar, de uma forma estruturada, o desenvolvimento natural das habilidades motoras da

criança. Tem no movimento seu meio e fim, entretanto não descarta os subprodutos dessa prática. Na abordagem Construtivista, o principal autor é João Batista Freire, com a sua obra *Educação Física de Corpo Inteiro: Teoria e Prática de Educação Física*, de 1989. Nela, busca-se a construção do conhecimento através da exploração da bagagem cultural e das experiências anteriores dos alunos, através, principalmente, de jogos e brincadeiras populares. A abordagem Crítico-Superadora procura contextualizar socialmente o aluno, fazendo um resgate histórico e esboçando a reflexão e visão crítica da realidade através das aulas de Educação Física. Tem seu alicerce na obra *Metodologia do Ensino de Educação Física*, de 1992, escrita por grupo de autores que se denominam “Coletivo de Autores”.

Outras abordagens também surgiram após a década de 80 seguindo a mesma linha da crítica ao modelo esportivista. Entre elas, estão a abordagem sistêmica, a abordagem crítico-emancipatória, a abordagem cultural, a abordagem dos jogos cooperativos, abordagem da psicomotricidade, abordagem da saúde renovada e a abordagem dos parâmetros curriculares nacionais (CASTRO; SILVA JUNIOR; SOUZA; 2008).

As mudanças da prática pedagógica surgem diante de determinadas necessidades, como cita Coletivo de Autores (1992, p. 25):

Em nosso entender ela surge de necessidades sociais concretas. Sendo a Educação Física uma prática pedagógica podemos afirmar que ela surge de necessidades sociais concretas que, identificadas em diferentes momentos históricos, dão origem a diferentes entendimentos do que dela conhecemos.

O movimento histórico atribui novos significados às linhas e características de épocas passadas, além de apresentar rupturas. A Educação Física escolar percorreu também este caminho até chegar ao ponto como é pensada hoje. Seus profissionais se aventuraram pelos caminhos da Sociologia, Antropologia, História, Psicologia, entre outros campos de estudo, e pesquisaram a influência que o meio físico e social exerce sobre o desenvolvimento humano. A esta vertente se deu o nome de abordagem sociocultural.

A abordagem sociocultural da Educação Física se preocupa com toda a complexidade dos processos de formação cultural e enfatiza os aspectos que estejam ligados com a cultura motora dos seus alunos (PEREZ GALLARDO, 2009).

Neira (2003, p. 10) discorre sobre essa transformação:

Aquele conhecimento transmitido nas escolas, por meio de um currículo pautado por técnicas e conteúdos pré-selecionados tão comum nas aulas de Educação Física, torna a prática pedagógica acrítica, não contextualizada e estática, desprovida de significados para professores e alunos, reforçando o que Paulo Freire denominou “educação bancária”, que apenas aumenta o poder de uma elite que quer se manter e se preservar. Sua elaboração é vista como um recorte de conteúdos considerados

adequados a cada ciclo ou série, principalmente por meio do livro didático, dos esportes, dos fundamentos da teoria dos conjuntos, deixando ao professor como único modo de transmitir tais conteúdos, a valorização da memória e a adição de conhecimentos fragmentados e específicos por disciplina.

As necessidades da escola se transformaram. Esta não é mais somente uma ferramenta de transmissão de saberes consolidados. Hoje, diante da ampliação dos meios de divulgação de informação, a escola precisa dar condições aos seus alunos de construir o seu próprio saber, e que este seja útil à sua vida e à sociedade. Para isso se faz necessária uma reconstrução de seus métodos e otimização de seus recursos. Para que isso aconteça, a escola precisa estar em adaptação contínua à realidade que está inserida. É necessário que o professor e toda a sua prática educativa se transforme também. Sua missão pedagógica modificou-se. Está mais complexa, dinâmica e inquieta, visando, mais do que nunca, ao pleno desenvolvimento do educando. Para obter êxito nesse aspecto, a escola precisa saber quem é o seu educando, do que ele precisa, o que ele deseja, o que ele pensa sobre a escola, quais são seus planos de vida, enfim, a escola precisa conhecer a fundo tudo o que está envolvido na vida de seu protagonista, para assim, buscar a sua formação integral como cidadão, valorizando seus saberes, constituindo pensamento solidário e democrático, desenvolvendo as múltiplas potencialidades do educando (NEIRA, 2003).

Essas mudanças, entretanto, não atingiram totalmente o meio escolar. Muitos dos professores ainda são herdeiros de uma formação tradicional, em uma Educação Física dualista, esportivista, orientada ao desenvolvimento da aptidão física. Essa outra vertente, que enfatiza a cultura corporal, e que entende que a Educação Física escolar é a grande responsável pela socialização do seu conhecimento, e que leva em conta as experiências dos seus alunos, ainda está buscando espaço e reconhecimento dentro da escola.

Mesmo com as novas produções teóricas, a prática esportiva ainda é a grande influência para o ingresso na carreira de professor de Educação Física. Mas tal escolha envolve ainda tantos outros fatores, como insucesso em outros vestibulares, pouca confiança em outras carreiras e busca de uma garantia e estabilidade profissional. São raros os discursos de profissionais da Educação Física afirmando que o grande sonho da sua vida seria atuar como professor.

Deste certo desinteresse, surgem outros problemas ligados à Educação Física escolar. Deles destacam-se o pouco comprometimento e desmotivação dos professores, dificuldade na sistematização dessas práticas, recursos pedagógicos precários e atuação pouco inspirada. Tais fatores contribuem para a degradação da imagem da Educação Física na escola e dificultam a solidificação de seus conteúdos e práticas corporais como conhecimento.

As poucas condições de trabalho agravam ainda mais essa situação. Além de conviver com a falta de estrutura de boa parte das escolas em que lecionam, os professores de Educação Física tem que se desdobrar para conseguir um bom ganho salarial no fim do mês. Alguns se dedicam a duas ou três atividades profissionais para complementar seu orçamento.

Muitos profissionais fazem mal o seu trabalho, menos por incompetência e mais por incapacidade de cumprirem, simultaneamente, um enorme leque de funções. Para além de dar aulas, devem desempenhar tarefas de administração, reservar tempo para avaliar, reciclar-se, orientar os alunos e atender os pais, organizar atividades várias, assistir a seminários e reuniões de coordenação, de disciplina, ou de ano, porventura mesmo, vigiar edifícios e materiais, recreios e cantinas (ESTEVEZ, 1991 apud CARDOSO, 2003, p.108).

Também segundo Cardoso, não há por parte de colegas e direção da escola uma real consideração pela Educação Física. O professor dessa disciplina é frequentemente marginalizado do planejamento escolar, vivenciando paralelamente este universo.

3 METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa de caráter qualitativo-descritivo e começou a ser desenvolvida a partir do mês de Abril de 2010. Para sua realização, foi enviado o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da FCM (Faculdade de Ciências Médicas). Após sua aprovação, em junho de 2010, foram realizadas as entrevistas com os professores da escola.

3.1 A Escola

O trabalho de campo foi realizado em três escolas públicas regulares de ensino fundamental I, do município de Hortolândia - São Paulo. Buscando inserir também as inúmeras complexidades que influenciam na avaliação da aula de Educação Física, na tentativa de compreender a visão que os professores têm acerca dessa disciplina, buscamos realizar a pesquisa em escolas com estruturas físicas que pouco se assemelham. Além de levar em conta a estrutura, optamos por avaliar também os métodos dos educadores, pois em cada escola há um responsável pelas aulas de Educação Física, ou seja, as professoras entrevistadas opinaram sobre as aulas de três professores diferentes.

Na primeira, as condições estruturais são relativamente boas, com uma ótima quadra coberta e bastante espaço e materiais. Além do bom espaço reservado principalmente à Educação Física, essa escola possui também ótimas condições prediais. Tanto as salas de aula, nove ao todo, como o refeitório, a sala da secretaria e a sala da direção têm também um ótimo padrão de construção, o que faz com que essa escola seja muito agradável esteticamente. Em dois períodos, manhã e tarde, atende cerca de 530 alunos.

Na segunda, as condições são um pouco inferiores, com bastante espaço e materiais, porém com uma quadra descoberta e em piores condições. Esta escola possui 15 salas de aula e atende um total de aproximadamente mil alunos. Esse número não é preciso porque há uma enorme rotatividade de alunos nessa escola, devido principalmente à sua proximidade com o Complexo Carcerário Ataliba Nogueira. Constantemente chegam novas famílias a essa região, que buscam moradia próxima ao lugar onde seus patriarcas estão encarcerados. E com a mesma constância essas famílias voltam para a sua cidade de origem, o que causa relativa irregularidade do número de alunos matriculados.

A terceira escola é o oposto da primeira. Ainda que tenha bons e suficientes materiais, possui pouco espaço e uma quadra em estado precário, sem cobertura e de difícil acesso. Embora sua estrutura não seja ruim, suas salas de aula, nove ao todo, e suas instalações pouco se assemelham à primeira escola. Atende em dois períodos cerca de 500 alunos, residentes em sua maioria, em um bairro carente da cidade. Problemas econômicos e sociais estão muito presentes na vida da maioria desses alunos. Esta escola sofre também com rotatividade dos alunos, com o número de matriculados variando bastante durante todo o ano. A maior parte dessa rotatividade se deve ao fluxo de migração, principalmente de famílias vindas da região Nordeste do país, para se instalarem naquela região.

Decidimos fazer a pesquisa em três escolas bastante dessemelhantes por entendermos que existe uma espécie de senso comum fundamentando opiniões sobre a qualidade da Educação Física. Este, na maioria das vezes, faz com que a qualidade das aulas esteja ligada diretamente com boas condições físicas e estruturais, e não com o trabalho desenvolvido pela escola, alunos e professores.

3.2 Os Participantes

As participantes da pesquisa foram 15 professoras do 1º ao 5º ano das escolas citadas, sendo 5 de cada escola.

No primeiro contato, as professoras demonstraram certa insegurança para participar da pesquisa. Após a explicação de como funcionariam as entrevistas e quais seriam seus objetivos, nenhuma professora se negou a participar e todas demonstraram grande interesse em fazer parte do trabalho desenvolvido.

3.3 Coleta de Dados

A escolha das professoras se deu por meio de um sorteio, em que selecionamos uma professora de cada série (1º ao 5º ano), totalizando cinco professoras por escola. Nenhuma professora se negou a participar da entrevista, por isso não foi necessário realizar um segundo sorteio. Após essa escolha, durante o momento da entrevista, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a professora preencher, corroborando sua participação na pesquisa. O TCLE encontra-se no ANEXO-A.

Como primeiro plano, tínhamos a intenção de realizar as entrevistas

enquanto os alunos estivessem participando das aulas de Educação Física, dentro do período normal de aula. Porém deparamos com diversas dificuldades para essa realização. Em alguns momentos, o professor de Educação Física havia faltado, por isso não seria possível realizar a entrevista. Em outros momentos, no dia da semana que teria Educação Física, as professoras responsáveis pelas salas também faltaram, o que impossibilitava a realização. Mesmo com esses percalços, foi possível realizar a maior parte das entrevistas utilizando esse método. As entrevistas restantes foram realizadas durante o HTPC das professoras, no período noturno. Durante o momento da reunião, as professoras sorteadas saíram por breves instantes para responder às perguntas. Após a realização, estas voltavam normalmente à atividade de trabalho pedagógico coletivo.

O conteúdo das entrevistas foi registrado através da gravação de áudio, sem a identificação da participante.

O roteiro para a entrevista envolveu as seguintes questões:

1. Qual sua opinião sobre as aulas de EF na sua escola?
2. Você acompanha com frequência essas aulas? Como é a rotina destas aulas, como são ministradas?
3. Qual sua opinião sobre os métodos que o professor de EF utiliza e sobre os conteúdos trabalhados nas aulas de EF?
4. Quais são os pontos positivos e negativos que você encontra nas aulas de EF?
5. Você nota alguma diferença nos seus alunos após estes participarem das aulas de EF? Se sim, quais?
6. No seu curso de Pedagogia foram abordados temas ligados à EF? Se sim, quais?
7. Você acha que a EF é tão importante quanto às outras disciplinas na escola?
8. Em sua opinião, o que é EF escolar? Qual é sua utilidade para a escola e para o aluno?
9. Quais são as principais lembranças da EF do seu tempo de estudante? Quando isso ocorreu?

3.4 Organização e análise dos dados

Após a realização, as entrevistas foram transcritas e seus conteúdos analisados. Para uma melhor organização, dividimos as escolas em escola A, B e C, sendo a

primeira com a melhor e a última com a pior estrutura física. Os sujeitos entrevistados, no caso uma professora de cada série, foram divididos em sujeito 1, 2, 3, 4 e 5 respectivamente. Ficando a divisão dos sujeitos da seguinte maneira: Sujeito A1, A2, A3, A4, A5, B1, B2, B3, B4, B5, C1, C2, C3, C4 e C5.

Após a divisão das entrevistadas, partimos para a análise das respostas. O conteúdo das entrevistas foi transcrito e os dados foram organizados a partir da análise de conteúdo de Bardin (1979). As categorias de análise foram elaboradas baseadas no discurso das entrevistas transcritas. Durante esse processo, destacamos as que julgamos pertinentes à pesquisa. As categorias encontradas foram:

- 1 – as escolas;
- 2 – as entrevistadas e suas relações com as aulas de Educação Física;
- 3 – planejamento e trabalho interdisciplinar;
- 4 – as aulas de Educação Física nas escolas;
- 5 – as lembranças da Educação Física do tempo de estudante.

No momento da transcrição, alteramos somente alguns pequenos erros de português e expressões de linguagem das falas das professoras. Fizemos isso por entender que se trata de costumes corriqueiros da linguagem falada e por entender também que seriam irrelevantes ao real objetivo da pesquisa.

Outras falas e comentários das professoras também julgados interessantes, foram destacados e analisados nas considerações finais.

4 RESULTADOS

4.1 As Escolas

Interessante ressaltar a diferença socioeconômica das comunidades ligadas às três escolas. A escola que possui melhor estrutura está localizada em uma região menos carente que as outras duas escolas. Seguindo a mesma lógica, a escola com menos estrutura está situada em um bairro com condições precárias de habitação. Essa falta de estrutura aumenta a importância desta instituição, e aumenta ainda mais a importância da Educação Física na vida desses alunos. E a esta disciplina, que é tratada por grande parte do corpo docente dessas escolas como um simples divertimento ou uma espécie de recreio, são atribuídas ainda outras responsabilidades que extrapolam o âmbito escolar, e a torna um momento único, em que os alunos vivenciam atividades que não deveriam estar inseridas apenas nas responsabilidades escolares, como a prática esportiva, a busca do corpo saudável, o entretenimento dirigido, e até mesmo um papel fundamental no rendimento escolar do aluno. A fala de uma professora exemplifica muito bem essa situação:

“E aqui nesse bairro, que é um bairro carente, eu percebo muito que os pais não estimulam as crianças em casa. Elas vêm pra cá sem saber cor, sem saber o que é dentro e fora, em cima e embaixo, que são noções básicas que, com o filho da gente, vamos trabalhando desde pequenininho. Com um ou dois aninhos a gente já vai trabalhando. E aqui eles não são estimulados, então os únicos estímulos que eles recebem são realmente da escola. E dentro da sala de aula fica mais difícil a gente trabalhar esses estímulos, porque você tem que correr com os outros conteúdos, a criança tem que descobrir o alfabeto, descobrir o som. Eu acho que na Educação Física isso é mais trabalhado, porque toda atividade física acaba pedindo que eles tenham esse contexto, às vezes tem que entrar em um círculo, tem que sair, pisar em cima de uma linha, então eu acho que isso é um ponto positivo da Educação Física” – sujeito C1, questão 04.

E essas responsabilidades atribuídas que extrapolam o âmbito escolar fazem com que as professoras desejem alterar o que deveria ser o verdadeiro foco dessa disciplina, como exemplifica a próxima fala:

“E acredito que se ela tivesse esse enfoque, realmente de... Não sei se é certo

falar isso, mas tipo nas comunidades carentes, de estar ajudando essas crianças, de estar trabalhando com a autoestima, aliando o esporte. Não sei se é essa a função do professor, às vezes eu estou falando e nem é da Educação Física, seja essa de primeira à quarta série. Mas acho que se tivesse, poderia ajudar muito mais. Porque nas comunidades carentes, a gente tem alunos que tem dificuldades de aprendizado pela questão da autoestima, tem problema *com o corpo, de se organizar, de se centrar.*” – sujeito C3, questão 07.

É claro que não podemos negar o fato de a Educação Física ter realmente todas essas responsabilidades. Porém não podemos afirmar que é somente dela esse papel dentro da escola. É recorrente a atribuição de outras tantas obrigações exclusivamente a essa disciplina, como a prática prazerosa, a busca da total atenção dos alunos, a participação inclusiva, o uso de métodos alternativos de avaliação. Porém, ao fazer todas essas cobranças somente à Educação Física, muitas vezes cai no esquecimento o fato de que todas as outras matérias também deveriam ter essas mesmas obrigações dentro da escola.

Esse quadro reafirma mais uma vez a importância da escola, dentro deste novo panorama da educação, em que ela precisa conhecer o seu aluno e a comunidade a qual pertence, para buscar atender às suas necessidades, compreender seus interesses, explorar seus pontos fortes e tentar diminuir suas mazelas. E para que essa modificação aconteça, além de uma aproximação entre todo o corpo docente escolar, se faz também necessário o estreitamento do vínculo entre escola e sociedade.

4.2 As Entrevistadas e suas Relações com as Aulas de Educação Física

Todas as entrevistadas trabalham já há mais de cinco anos na rede pública municipal de Hortolândia, com quatro professoras tendo experiência também na rede Estadual e na rede de outros municípios. Outra prática comum das entrevistadas é a dupla jornada de trabalho, em que estas lecionam num segundo período diário, seja na rede estadual, de outros municípios ou até mesmo dentro da própria rede de Hortolândia.

Na atualidade, o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, o que era comumente esperado. Ampliou-se a missão do profissional para além da sala de aula, a fim de garantir uma articulação entre a escola e a comunidade. O professor, além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolares, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende às famílias e à comunidade (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005). Porém, com a jornada dupla e com a alta

carga atribuída aos professores, esse ponto fica cada vez mais difícil de ser realizado.

Em diversos estudos, Marin (1998) aponta inúmeras dificuldades e desafios da realidade escolar brasileira, principalmente da escola pública. Além das precárias condições de trabalho, o baixo status profissional e a baixa remuneração apontada pela autora, presenciamos também, no cotidiano das escolas acompanhadas, a dificuldade do professor em relacionar conscientemente os pressupostos éticos-políticos, didáticos e psicológicos ao seu trabalho, a fragmentação e insuficiência de domínio dos conteúdos escolares, e a inexistência do trabalho coletivo na escola.

As diversas tarefas que extrapolam o lecionar em sala de aula ocupam o pouco tempo que sobra para estas professoras se dedicarem a qualquer outra atividade. A fala de uma professora, quando perguntada se acompanha as aulas de Educação Física, confirma que não sobra tempo para uma aproximação com essa disciplina:

“Na verdade assim, falar que a gente acompanha é hipocrisia, porque na verdade a gente aproveita o horário que está tendo aula com o especialista para adiantar outras coisas que a gente tem: diário, essas coisas todas”. – Sujeito B2, questão 02.

Diante de tantas problemáticas, notamos que existe um desejo por parte das professoras entrevistadas de melhorar o trabalho pedagógico desenvolvido pela escola como um todo. Tal desejo esbarra na falta de iniciativas e atitudes, por parte da administração pública (secretarias de educação, diretorias, coordenadorias), que busquem solucionar parte dos problemas que atingem a atual educação pública brasileira, o que faz com que não aconteça nenhuma alteração na prática:

“Até surgiu tempos atrás, da Secretaria de Educação, a possibilidade do professor estar acompanhando o professor de Educação Física, mas a gente tem tantos outros compromissos, então a gente achou melhor não acompanhar de perto e sim um pouco mais de longe. A gente reserva esse espaço para estar colocando nosso planejamento em ordem.” – Sujeito B5, questão 02.

A fala de outra professora comprova que elas têm a noção do quão importante e produtivo para o aluno seria a aproximação e trabalho em conjunto entre a sala de aula e a Educação Física:

“A aula de Educação Física deveria ser mais integrada com as outras

disciplinas, ela não pode ser vista só como um momento de lazer, onde o aluno vai brincar. A Educação Física teria que estar pensando junto, assim como nós pensamos no desenvolvimento integral do aluno. O professor vem, participa do planejamento com a gente, vê o que aquela classe tem de peculiar, de específico e trabalha. Eu acho que isso não acontece. Tanto é que os professores participam até do HTPC (hora de trabalho pedagógico coletivo) que é a reunião que nós temos, mas o planejamento anual é muito distante. O professor vem, cai de pára-quedas aqui e conhece a realidade. Mas ele não sabe o que cada aluno, cada classe precisa. Não sei se isso seria possível, mas eu penso que isso é um ponto *negativo*” – sujeito C3, questão 04.

São os inúmeros problemas que uma escola enfrenta. A estressante rotina diária faz com que muitos destes problemas passem despercebidos. Ou talvez a pouca valorização do trabalho docente na escola desmotive totalmente as professoras no desafio de contornar e solucionar essas situações problemáticas comuns no ambiente escolar.

Mesmo assim, a maioria das professoras apresenta um anseio em se aprofundar nas questões relativas às aulas de Educação Física na escola. Estas entendem que a abordagem dessa matéria no seu curso de formação foi muito superficial, e concordam que seria muito interessante uma abordagem mais aprofundada sobre os conteúdos dessa disciplina, para assim desenvolver um trabalho interdisciplinar correto. Entretanto, na prática, esse discurso esbarra nas inúmeras dificuldades que um professor é obrigado a enfrentar diariamente para cumprir todas as suas tarefas, como comprova a fala seguinte:

“A Educação Física é o momento que você tem para ficar no silêncio, para você organizar suas coisas, para você fazer as burocracias que a escola te pede. Então eu acho que esse é o nosso erro. A gente não sabe muito bem o que a Educação Física tem a oferecer para a escola, e também não cobra muito, porque é aquele momento que a criança não está com você, que você tem aquele espaço para fazer as coisas que você precisa. Bom, se não está com você, está com outro, então aí o problema é dele, e ele que se vire lá para fazer. Talvez se a gente conhecesse realmente qual é o objetivo dele, o que ele se propõe a vir fazer, o que a secretaria pensa da Educação Física, a gente pudesse também se posicionar e colocar o que realmente a gente quer da Educação Física. Eu acredito que é importante, porque eu conheço meus alunos, sei que eles precisam fazer atividade física, sei que muitos aqui adorariam estar numa escolinha de futebol, numa escolinha de ballet, e não estão.” – sujeito C3, questão 08.

Muitos desses problemas ocorrem pela falta de comunicação entre a sala de aula e Educação Física. A professora da sala não acompanha as aulas de Educação Física, e desconhece grande parte dos conteúdos dessa disciplina. O professor de Educação Física não toma conhecimento do que é abordado em sala de aula. Um dos poucos momentos que poderia ser utilizado para esclarecimentos e diálogo entre os diferentes professores seria o HTPC (horário de trabalho pedagógico coletivo), que é realizado semanalmente. Entretanto, devido à alta demanda de assuntos abordados nessa reunião, se torna um período muito curto, o que faz com que esse diálogo não aconteça, mantendo a distância entre a sala de aula e a Educação Física.

Dessa situação conflitante surge uma difícil tarefa de discernir sobre esse assunto. É extremamente difícil julgar tais declarações como justificativas plausíveis ou meras desculpas para a desmotivação e falta de iniciativa para o desenvolvimento e melhoria da qualidade do ensino nessas instituições. Fica claro apenas que dentro dessa problemática, o maior prejudicado continua sendo o aluno.

4.3 Planejamento e Trabalho Interdisciplinar

O planejamento das aulas de Educação Física e o seu projeto político-pedagógico são elaborados por um coordenador, juntamente com os professores dessa disciplina, de uma forma desvinculada do planejamento da escola. Esse distanciamento contribui para a desinformação das professoras da escola quanto ao que acontece nestas aulas.

Essa prática contestável não corresponde ao real valor e importância dessas estratégias escolares. Coletivo de Autores (1992, p. 21) discorre sobre essa importância:

Um projeto político-pedagógico representa uma intenção, ação deliberada, estratégia. É político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações.

Todo educador deve ter definido o seu projeto político-pedagógico. Essa definição orienta a sua prática no nível da sala de aula: a relação que estabelece com os seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata científica e metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos.

O discurso de uma professora demonstra como essa ligação nem sempre ocorre na prática diária:

“Eu sei que há um planejamento meio que geral da rede, porque eles fazem

esse planejamento, todos os professores de Educação Física juntos, mas isso é lá no *departamento de educação*” – sujeito C1, questão 03;

E o discurso de outra professora mostra que elas não concordam com essa prática desvinculada:

“O mais importante é assim, não adianta o professor vir aqui e jogar a bola no meio da quadra e acabou. Eu acho que o professor deveria participar do planejamento, observar todas as dificuldades, e através disso montar um planejamento que seja compatível com que a gente está trabalhando, com desenvolvimento geral da criança. O professor de Educação Física não participa do planejamento. É como eu te disse, eu converso com ele, quando sobra tempo. Eu falo para ele sobre o que está precisando, e ele procura fazer. Eu acho que na educação como um todo deveria acontecer isso, o professor planejar junto, observar todas as nossas dificuldades e colocar no planejamento dele para nos ajudar também, e trabalhar junto, pois é mais um conteúdo que complementa, pois nenhum está separado do outro.” – sujeito A3, questão 08

A maioria das professoras sabe, baseando-se em situações corriqueiras, que o trabalho interdisciplinar ajudaria no desempenho em sala de aula, como comprova a próxima fala:

“Então se a criança não sabe o que é direita e esquerda, fica muito mais difícil ela usar um caderno. Em cima, embaixo, está em cima, está embaixo. Isso dificulta a criança a se organizar no caderno, a entender que letra que começa, que letra que termina, porque ela não sabe aonde começa e nem aonde termina uma palavra. Fica muito difícil a criança conseguir se organizar no papel, que é mais abstrato. Prestar atenção na lousa, passar isso para o papel, se ela não tem o esquema corporal dela, o desenvolvimento motor dela bem preparado, e eu acho que a Educação Física trabalha muito isso” – sujeito C1, questão 04.

Novamente aqui percebemos o descaso com que é tratada a Educação Física dentro da escola. Mesmo com uma boa visão crítica sobre os problemas referentes à falta de ligação entre os planejamentos, a professora enxerga tudo isso somente como uma via de mão única, em que é a Educação Física que recebe obrigações, ou seja, ela é obrigada a acompanhar o planejamento e projetos pedagógicos da sala de aula. Seus professores têm que

se adaptar ao que é trabalhado diariamente na escola. O inverso não é retratado pela professora, em que os papéis se inverteriam, e a professora de sala de aula também adaptasse seus conteúdos com os conteúdos que são trabalhados pelo professor de Educação Física. Entendemos que isso é um grande erro, pois essa relação precisa ocorrer de forma recíproca, em que os diferentes objetivos sejam trabalhados juntamente em busca de um objetivo final comum: o desenvolvimento, tanto da escola como o do aluno.

O discurso de uma professora mostra que conteúdos da Educação Física também podem ser trazidos para a sala de aula, e não somente o contrário:

“É engraçado, se você propõe uma atividade simples, eles às vezes não prestam atenção. Mas se você fala que vai fazer um jogo, eles prestam mais atenção. Eu percebo que eles prestam mais atenção. Por quê? Porque a Educação Física é trabalhada sempre com o jogo. E na hora que você fala jogo, eles já param porque sabem que terão que prestar atenção nas regras, senão eles não vão conseguir executar a tarefa, então eu acho que isso é legal, porque desenvolve a atenção na criança.” – sujeito B2, questão 05.

Essa professora, em suas respostas, mostrou ter um bom conhecimento sobre a Educação Física escolar, embora tenha se restringido especificamente ao jogo, e talvez por isso foi capaz de fazer essa constatação e perceber que os conteúdos dessa disciplina podem otimizar o trabalho em sala de aula. Para que esse tipo de iniciativa apareça também em outras professoras, é necessário que os conteúdos da Educação Física não sejam restritos somente à quadra ou qualquer outro espaço reservado à sua prática, mas sim que sejam difundidos por toda a comunidade escolar.

4.4 As Aulas de Educação Física nas Escolas

As opiniões sobre a qualidade das aulas de Educação Física foram bastante parecidas nas três escolas. Antes de iniciarmos o trabalho, suspeitávamos que a Educação Física na escola com melhores condições físicas, onde os professores utilizassem maior número de materiais, seria considerada como uma aula de melhor qualidade. Notamos que em alguns discursos, as professoras percebem e opinam sobre os materiais utilizados pelo professor, como a seguinte fala expressa:

“Eu sei assim, porque a gente já ficou uma vez com ele, logo no começo. Então ele chega, faz a roda, faz a chamada das crianças, e depois em cada Educação Física

ele dá um tipo de exercício. Então são com instrumentos, aqueles bambolês, canos, cordas, bolas, *ele diversifica bastante. Fica com o carrinho dele para cima e para baixo na escola.*” – sujeito A2, questão 02.

“Então um dia as crianças estão pulando, às vezes aqui eles estão pulando no bambolê, outro dia estão jogando queimada, outro dia estão brincando de rouba bandeira, então eles gostam” – sujeito A2, questão 03.

Além dos materiais utilizados, a falta de estrutura da escola influencia bastante no andamento das aulas e dificulta o dia-a-dia dos professores de Educação Física:

“Como eles usam a quadra lá embaixo, então se chover, por exemplo, essa aula já não acontece lá embaixo. Ele tem que ficar ou dentro da sala, ou usar o pátio. E o pátio só está liberado depois das dez horas, por causa do intervalo. E ele se dispõe para ir a pé com todas as crianças, descer um percurso longo, e depois voltar novamente nesse percurso a pé.” – sujeito C5, questão 02.

A distância entre a quadra e a sala de aula, na escola supracitada, é por volta de 150 metros. Além dessa distância, a quadra não possui cobertura, o que impede as aulas nos dias de chuva, como citou a professora. A falta de estrutura interfere também nos dias de sol, como cita uma professora da escola B, onde a quadra também é descoberta:

“A gente tem uma dificuldade muito grande por causa da quadra. A quadra é um grande problema para gente. Então assim, eu percebo que a gente tem um espaço que não é tão bem aproveitado porque justamente pela questão do sol. Muitas vezes o professor fica se deslocando procurando sombra.” – sujeito B2, questão 01.

Notamos que a falta de uma boa estrutura faz também com que as professoras da escola C, onde a quadra é um tanto afastada das salas de aula, e com um difícil acesso, acompanhem com uma frequência bem menor as aulas de Educação Física. Na escola B, uma professora citou que o pouco que ela acompanha das aulas é através da janela, pois sua sala fica ao lado da quadra onde as aulas acontecem. Na escola A, a localização da quadra favorece as professoras que tentam acompanhar essas aulas, mesmo que de uma distância razoável. Esse fato faz com que algumas professoras, mesmo de longe e esporadicamente, acompanhem o que seus alunos fazem neste tempo em que estão fora da sala de aula. Compreendemos que esta não é a única e melhor maneira de aproximar a Educação Física da

sala de aula, porém alguns fatores físicos prejudicam ainda mais essa complicada aproximação.

As professoras opinaram também sobre o tempo de duração das aulas. Não existe um documento oficial que cite qual é a quantidade ideal de tempo de prática da Educação Física semanalmente na escola. Muitos profissionais defendem que é necessário um mínimo de 3 aulas semanais intercaladas, o que resulta aproximadamente 2 horas e meia de vivência semanal. O que existe hoje é uma variação de 1 a 3 aulas semanais no ensino público brasileiro. A rede municipal de Hortolândia funciona com apenas 1 aula semanal.

Das 15 professoras entrevistadas, 7 citaram esse fato como ponto negativo. Segundo elas, 50 minutos por semana não é tempo suficiente para o desenvolvimento dos alunos nessas aulas. Essa crítica é dividida com os professores de Educação Física, que também acham que esse é um período de tempo muito curto. Esse é mais um fator que mostra a desqualificação dessa disciplina dentro do sistema educacional deste município.

Mesmo com conhecimentos superficiais, as professoras enxergam pontos que necessitam de mudanças nas aulas de Educação Física:

“... acontece em dia de chuva: A gente não pode ir para a quadra, então vamos desenvolver um jogo na sala. Aí eu lembro que teve um ano que ficou chovendo muito, então toda aula eles ficavam na sala, porque não podia ir para o pátio... essa escola é muito grande e a gente não tem espaço. Vamos jogar dominó. E como eles ficaram jogando durante muito tempo damas e dominó, eu resolvi fazer na sala de aula um campeonato para ensinar matemática. E fui fazer o campeonato e eles não sabiam jogar. Me questionei: Como é que vocês estão jogando há cinco ou seis aulas e vocês não sabem a regra do dominó? E assim, são coisas que não condizem. Você não passa seis aulas brincando de dominó com as crianças e de repente elas não sabem a regra do dominó, não sabem a regra da dama.” – sujeito B2, questão 03.

Essas professoras não têm bagagem e conhecimento suficientes para opinar quanto às questões mais técnicas e peculiares das aulas de Educação Física. Entretanto, isso não significa que os professores de Educação Física não possam ouvir suas críticas e refletir sobre o que pode ser aproveitado ou não, sobre o que é apropriado e pertinente à melhoria de sua prática pedagógica. Esse é um dos motivos que faz essa comunicação entre Educação Física e sala de aula ser tão importante. É importante para essa disciplina perceber como é vista e avaliada pelos professores de outras matérias, para enxergar a sua prática sob uma luz

diferente, para tentar transformá-la e transformar também grande parte do pensamento equivocado sobre seus conteúdos e métodos.

De uma forma geral, as professoras entendem que o professor de Educação Física é obrigado a contornar diversas dificuldades para aplicar suas aulas. Entendem também que uma boa estrutura facilita bastante nessa aplicação, porém não julgam a qualidade dessas aulas somente por essas características físicas ou pelo número de materiais utilizados. Mesmo não acompanhando muito de perto essas aulas, observam e enaltecem o comprometimento e esforço do professor ao contornar todas essas dificuldades cotidianas.

4.5 As Lembranças da Educação Física do Tempo de Estudante

As lembranças das aulas de Educação Física do tempo de estudante ainda estão bem nítidas na memória das professoras entrevistadas. Os relatos comprovam que tanto de uma forma positiva, quanto de forma negativa, essas aulas marcaram bastante a época de seus estudos. Algumas lembranças marcam pelo caráter divertido de uma Educação Física Esportivista do final da década de 80, como relata a seguinte fala:

“Eu tenho lembranças boas, eu tenho lembranças boas sim. Porque era com jogos também, eu participava de tudo, eu não era aquele aluno que não gostava de Educação Física, eu gostava bastante. Eu gostava muito de jogar vôlei, minha paixão era jogar vôlei, e participava de tudo e não tinha uma vez assim que, ah, eu não quero participar, não gosto. Tenho boas lembranças sim. Eram trabalhados bastantes esportes. Era mais em cima de esportes mesmo. Basquete, vôlei, handebol, até futebol nós jogávamos. Queimada, que eu gostava bastante também, então assim, era mais essa parte dos jogos mesmo, esporte.” – sujeito A1, questão 09.

Outro relato mostra que nessa mesma época já existiam, mesmo que em uma escola particular, aulas que fugiam desse método unicamente esportivo, e já trabalhavam com questões de inclusão e trabalho interdisciplinar:

“Lembranças maravilhosas. Eu tive um professor... que não no meu colégio não existia aquela divisão e que espero que não aconteça mais. Porque eu não vi mais aquela pessoa que tem mais habilidade, que é fisicamente mais ágil, ser preferida pelo professor. E o outro, que é mais devagar, ou que é menorzinho, ou que é o mais gordinho, ficar de canto. E eu sempre fui a pequenininha lenta, e eu nunca fiquei de canto. Então assim que colocou

dentro, mesmo que os colegas fizessem aquela cara, ela nunca dividiu isso, eu nunca me senti fora da aula. Então isso me traz recordações boas, talvez por isso eu sinta tanto essa falta, e existia essa continuidade. Então o professor da sala ele estava junto. Era uma escola particular, existe também uma diferença. Mas era uma escola onde o professor de Educação Física participava junto com os outros professores do planejamento. Eu lembro que ele dizia: olha, hoje vocês fizeram uma atividade sobre frações, então vamos dividir a turma em tantos grupos e vamos ver as frações desses grupos, então a gente sentia essa diferença, e nunca um professor chegou para nós e entregou uma bola, largou a gente com a bola na quadra e ficou *de lado*.” – sujeito C5, questão 09.

Para essas professoras, entretanto, não ficaram somente boas lembranças. Alguns traumas causados por experiências não muito boas perduraram até os dias de hoje na memória das entrevistadas, como é mostrado no seguinte relato:

“Mas era assim, jogar mesmo, a maioria era jogar vôlei, e eu tenho medo de bola até hoje. Porque quebrou a minha mão uma vez. Não quebrou, mas torceu meus dedos, e até hoje não me mande jogar vôlei, que eu não jogo. Aconteceu jogando vôlei na aula. Mas acho que é um problema meu com bola, acho que não sou muito chegada. Mas a maioria das aulas eram jogos de vôlei.” – sujeito B1, questão 09.

Além do relato que, pelas características citadas, trata-se de uma Educação Física esportivista e tecnicista, existem também experiências traumáticas de uma Educação Física Militarista, de meados da década de 70:

“Na minha época a gente fazia exercícios físicos mesmo. Eu me lembro do meu corpo bem dolorido. Bem dolorido porque tinha que fazer exercícios físicos, e corria bastante, era atividade de ginástica mesmo nas aulas de Educação Física na minha época. Era muita ginástica, muito correr, muito fazer, aqueles polichinelos, tinha que fazer bastante. Eu me lembro do meu corpo muito dolorido na terceira série. Eu me lembro da época da terceira série que foi bem puxado e à noite eu me sentia muito dolorida. Minhas lembranças não são tão boas.” – sujeito B5, questão 09.

Outro relato mostra bem toda a disciplina exigida por esse método, numa experiência vivenciada no final da década de 60:

“Nossa, minha Educação Física era bem rígida. Ninguém dispersava, ninguém falava nada. Só fazia o que o professor mandava e pronto. Eram exercícios físicos, ginástica mesmo, exercícios para trabalhar o físico mesmo. E depois às vezes no Sete de Setembro, desfilávamos com a roupa de Educação Física (risos), que era um tênis branco, meia e saia branca, camiseta da escola, tecido branco. Aí desfilávamos (risos). Uma coisa muito estranha para hoje, você pensando. Era legal, a gente curtia, a gente gostava.” – sujeito A4, questão 09.

Interessante ressaltar que a professora afirma que gostava desse modelo. O que nos faz imaginar que era uma atitude bastante comum e como toda a comunidade escolar estava condicionada àquele tipo de aula. Talvez por esse motivo as transformações na Educação Física escolar demoraram tanto tempo para acontecer.

Outro problema encontrado nas falas das professoras, e que perdura até os dias atuais, é quanto à aula de Educação Física em período oposto:

“Então, no meu tempo de estudante, quando tinha Educação Física, eu fazia até a quarta-série, e depois eu já não fiz mais. Eu estudava durante a noite, trabalhava durante o dia. Então era aquilo que tinha que ir no período oposto, então não era no meu horário de aula igual é agora. Se eu estudava de manhã, eu tinha que ir à tarde, então eu quase não frequentava.” – sujeito B1, questão 09.

“Quando eu estudava, eu morava no sítio, então quem morava no sítio não ia para a Educação Física nas aulas de quinta à oitava, eu não fiz Educação Física de quinta à oitava porque eu morava no sítio, e quem morava no sítio era dispensado na época. Porque era sempre no horário contrário”. – sujeito B3, questão 09.

Estes mesmos problemas são encontrados nas escolas públicas de hoje, principalmente nas escolas estaduais. A quantidade de aulas semanais diminui com o passar do tempo, e a sua prática se torna facultativa a uma grande parcela dos alunos, principalmente dos que estudam em período noturno. Como aborda Coletivo de Autores (1992, p.38):

No que se refere à normatização escolar, essa área pode ser considerada como uma das mais normativas do currículo. Entre as normas estabelecidas, pode-se destacar apenas a título de exemplo: "a participação facultativa aos alunos trabalhadores do curso noturno, com jornada igual ou superior a seis horas". Ora, se a organização do tempo coloca as aulas de educação física em outro rumo, como os alunos poderão comparecer a essas aulas? Aí nota-se a "coerência" entre a organização e a normatização escolar. Vale ressaltar que essa norma é veiculada com o amparo legal

para o trabalhador, leitura que, contraditoriamente, pode, ser interpretada como punição, na medida em que impede a ele o acesso a essa prática pedagógica ou área do conhecimento.

Mas em um aspecto geral, a Educação Física escolar atual tem evoluído bastante, e as professoras também notaram essa evolução:

“Não é o desenvolvimento esportivo que a gente vê nos outros anos. Quando eu fiz Educação Física, a gente aprendeu handebol, aprendeu basquete, aprendeu outras regras mais específicas. Então eu acho que na Educação Física do Ensino Fundamental I, é uma coisa mais lúdica. Trabalha até os mesmo conceitos que trabalham os esportes, alguns professores que já estiveram aqui na escola trabalham até o início, trabalham com bola de basquete, com bola de vôlei, mas é mais lúdico, não é assim tão formal.” – sujeito C1, questão 08.

A Educação Física escolar passou por vários processos até se estabelecer no que é hoje. É evidente que todo esse processo fez com que ela evoluísse até chegar ao ponto que chegou. O aluno carrega durante toda sua vida as boas e, principalmente, as más experiências vividas na escola. Nas entrevistas, notamos que a relação que as professoras têm hoje com a Educação Física é influenciada pelas vivências do seu tempo de estudante. Traumas e más lembranças geram grande desinteresse. Geram também uma imagem pejorativa da Educação Física. Na visão dessas professoras, esta disciplina e sua prática não se alterou. Ou talvez tenha se alterado, mas de forma superficial, com apenas pequenas rupturas. Elas não tiveram a oportunidade de vivenciar a Educação Física dos dias atuais. Nas escolas, vivenciaram uma Educação Física dualista, esportivista. No seu curso de formação, quando abordaram a Educação Física, fizeram de uma forma extremamente superficial, rápida e ineficiente, segundo seus próprios relatos.

Por outro lado, professoras que tiveram boas experiências, e conheceram um pouco melhor a Educação Física, são bem mais receptivas aos seus conteúdos. Entendem boa parte de suas qualidades pedagógicas e sua importância para a escola e alunos. Entretanto, esse quadro ainda não se reflete na prática, continuando a Educação Física, mesmo no caso dessas professoras, sendo subaproveitada na escola. Pois mesmo estas professoras que percebem o potencial pedagógico da Educação Física, não apresentam motivação suficiente para tomar algum tipo de iniciativa que tente implementar melhorias no trabalho interdisciplinar da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira como é analisada a Educação Física escolar mudou bastante. Podemos considerar que houve uma grande evolução. Antes de iniciarmos a pesquisa, tínhamos a ideia de que as professoras apresentariam pouco e bem superficial conhecimento sobre o assunto. Tal suspeita se confirmou, porém algumas entrevistadas nos mostraram que possuem relativo domínio sobre o tema e que, infelizmente, a falta de conhecimento não é o maior problema que impede a desmistificação da Educação Física dentro da escola. Tais agentes dificultadores excedem o universo docente e adentram em costumes administrativos enraizados em grande parte do sistema público de ensino. A fala de uma professora representa bem o que estamos querendo dizer:

“[...] Na escola eu acho que a Educação Física só tem pontos positivos, porque ela trabalha o corpo da criança, ela consegue trabalhar lateralidade, no nosso caso, que trabalha com Educação Infantil e Educação Fundamental, é legal porque é um espaço em que a criança, principalmente no Ensino Fundamental, tende a manobrar o corpo. Porque dentro da sala de aula, a gente tende a esquecer o corpo. A gente preserva a mente. Para gente, a criança é uma cabeça, e na Educação Física ela é um todo. Engraçado, o professor de Educação Física não enxerga o aluno só corpo, ele enxerga o corpo e a cabeça, porque quando ele passa a regra, ele tem essa visão geral. Na sala de aula, a gente é tendenciosa, a gente tende a imaginar a criança só a cabeça. O corpo a gente acaba deixando inerte na verdade, e aí surge uma série de problemas de indisciplina [...] Por isso que às vezes eu acho que no Ensino Fundamental, uma aula por semana é pouco. Você tem crianças de cinco, seis anos, sentadas cinco horas. E se você tem duas aulas de Educação Física durante a semana, eu acho que assim, o corpo é mais “lembrado” na escola.” – sujeito B2, questão 04.

Não podemos considerar coincidência o fato dessa mesma professora, que apresentou um bom conhecimento sobre a Educação Física, ter afirmado em outras falas que a esta disciplina foi abordada de uma maneira mais abrangente no seu curso de formação. Mas mesmo possuindo essa visão e talvez até percebendo a possibilidade de trabalhar corporalmente seus conteúdos com seus alunos, ela não apresenta interesse e motivação para iniciar esse tipo de trabalho.

Após constatar a necessidade de transformação e atualização contínua da escola, notamos que a visão existente é a de uma Educação Física de duas décadas atrás. Essa

transformação não aconteceu na luz que enxerga a prática cotidiana dessa disciplina na escola. Ou se acontece se faz de uma forma demasiadamente tardia e atrasada.

Grande parte da visão equivocada que as professoras têm sobre esta disciplina é uma herança ainda do seu tempo de estudante. Essas professoras entrevistadas vivenciaram uma Educação Física ainda pautada no método militarista, ginástico, tecnicista e esportivista. Na faculdade em que se formaram os cursos de pedagogia ministrados abordam de uma forma extremamente superficial os conteúdos dessa disciplina. Ou seja, elas não tiveram a possibilidade de vivenciar uma Educação Física mais humana, que leva em conta o aluno e as suas individualidades, sua cultura, seus costumes e necessidades.

Em pesquisa realizada na rede pública da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Paim (2009) perguntou a professores de Educação Física qual o entendimento que estes têm sobre a disciplina que lecionam. A conceituação, de maneira geral, foi a seguinte:

“É uma disciplina que leva o aluno ao conhecimento do seu próprio corpo, das suas possibilidades e limitações. A Educação Física escolar desperta o vigor físico, a capacidade psico-motora e influencia numa vida sadia às crianças.”

“Todos nós sabemos da importância de fazer uma atividade física e de se manter ativo. Em minha opinião é a disciplina mais importante desenvolvida na escola, porque trabalha o aluno como um todo.”

Comparando com as respostas do nosso questionário, notamos que no geral, o discurso é bem parecido.

“É o trabalho físico, com o corpo. Eu não creio que seja somente o físico. Eu acho que ela trabalha também outras áreas, mas eu acho que ela prioriza bastante o físico, o desenvolvimento físico.” – Sujeito A1, questão 08.

“É uma disciplina que vai trabalhar o aluno e os movimentos, o corpo, num outro espaço que não seja a sala de aula.” – Sujeito C3, questão 08.

As opiniões das duas pesquisas não estão equivocadas. Elas abrangem a

Educação Física, porém de uma maneira superficial e limitada. Essas opiniões desatualizadas, ainda embasadas na Educação Física de décadas atrás, nos mostram que, embora existam esforços que busquem atualizar os professores e as suas práticas, a comunicação entre escola e as produções teóricas atuais ainda é precária. Muitas vezes, os próprios professores não demonstram interesse em se renovar e atualizar seus conhecimentos. Grande parte desses já foi vencida pela desmotivação, e encaram o dia-a-dia escolar como uma simples atividade profissional, como uma simples fonte de renda, um trabalho comum. A este fator, somamos tantos outros, como baixos salários, falta de infraestrutura, baixos recursos, que tanto dificultam a busca por um ensino público de qualidade.

Entretanto, mesmo com estas dificuldades, vivenciando o ambiente escolar, percebemos que as mudanças estão acontecendo. Vagarosamente, mas estão.

E essas mudanças não podem acontecer de forma isolada em cada disciplina presente na escola. Por isso, se faz importante a aproximação entre a Educação Física e a sala de aula. Essa caminhada deve ser fruto de uma elaboração em conjunto refletida na realidade da escola. Sendo este um planejamento mútuo, viável a todas as partes e que não beneficie em primeiro plano determinada disciplina ou conteúdo, tendo como princípio básico o desenvolvimento do aluno.

Os extenuantes afazeres cotidianos muitas vezes impedem que o professor reflita sobre a sua prática. E o faz repensar apenas sobre alguns aspectos que impedem que essa aula tenha um andamento tranqüilo, de simples aplicação, ficando propícia à repetição diária. E essa acomodação encerra as esperanças de o professor gerar modificações qualitativas nos alunos. Esse desinteresse afasta ainda mais a conexão entre as reflexões teóricas produzidas nas universidades e a prática dentro da escola.

E abordando o tema, notamos quão grande é a importância da pesquisa na escola. Após algumas entrevistas, aconteceu um fato muito interessante. Depois de responderem às questões, algumas professoras de uma das escolas procuraram o professor de Educação Física para discutir com ele sobre as propostas desenvolvidas em suas aulas. Até então, segundo o professor, essas professoras não haviam apresentado nenhum interesse em conhecer melhor suas aulas. Imaginamos que estas professoras nunca haviam dedicado algum tempo para pensar e refletir sobre a Educação Física, porém a participação no presente estudo fez com que manifestassem certo interesse pelo assunto. E talvez os poucos minutos destinados a essa reflexão durante a pesquisa tenham resultado em pequenas rupturas na perspectiva que essas professoras têm sobre a Educação Física escolar. Como já citamos aqui,

as professoras apresentam grande desmotivação no seu cotidiano escolar, por isso é extremamente inocente esperar que elas tomem alguma iniciativa para esse tipo de reflexão. Sobram motivos para que essas professoras não se interessem e não tenham nenhuma motivação para buscar progressos no trabalho desenvolvido na escola. Mas com a realização da pesquisa, comprovamos que, mesmo que não tenha afetado todas as professoras que participaram um estímulo à reflexão sobre qualquer trabalho desenvolvido na escola pode trazer bons resultados e iniciativas produtivas. Tanto por parte das professoras, que conhecerão um pouco melhor o universo da Educação Física, como também por parte dos professores dessa disciplina, que terão a oportunidade de refletir sobre a sua prática e poderão se utilizar das críticas e explanações apresentadas pelas outras professoras para se reciclar e se transformar continuamente, buscando o desenvolvimento pleno de todos os aspectos escolares interligados, como Educação Física, sala de aula, outras disciplinas, escola, comunidade, que são fundamentais para o principal objetivo, o desenvolvimento do educando.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- CARDOSO, O. M. Educação Física na Escola Pública: como os próprios profissionais percebem sua área de atuação. **Efdeportes**, Buenos Aires, ano 8, n. 56, jan. 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd56/escola.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2010.
- CASTELLANI FILHO, L. Pelos meandros da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, p. 119-125, 1993.
- CASTRO, J. N.; SILVA JUNIOR, S. H. A.; SOUZA, N. M. P. A influência das idéias pedagógicas nas abordagens da Educação Física. **Efdeportes**, Buenos Aires, ano 13, n. 123, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd123/a-influencia-das-ideias-pedagogicas-nas-abordagens-da-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2010.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNCAO, A. Á. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, mai./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a03v31n2.pdf> >. Acesso em: 30 ago. 2010.
- GHIRALDELLI JR., P. **Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1989.
- MARIN, Alda Junqueira. Com o olhar nos professores: Desafios para o enfrentamento das realidades escolares. **Caderno CEDES**, Campinas, v.19, n. 44, abr. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jul. 2010.
- MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e mente**. Campinas: Papyrus, 1983.
- MENDES, M. I. B. S. et al. Reflexões sobre o fazer pedagógico da Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p. 199-206, jan./mar. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2823>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

NEIRA, M. G. **Educação Física**: desenvolvendo competências. São Paulo: Phorte, 2003.

PAIM, M. C. C.; BONORINO, S. L. Importância da Educação Física escolar, na visão de professores da rede pública de Santa Maria. **Efdeportes**, Buenos Aires, ano 13, n. 130, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd130/importancia-da-educacao-fisica-escolar-na-visao-de-professores.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2010.

PEREZ GALLARDO, J. S. **Educação Física**: contribuições à formação profissional. 5. ed. Ijuí: Unijuí, 2009.

SOARES, C. L. Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 2, p. 6-59, 1996.

ANEXOS

